

O FESTIVAL ABOLICIONISTA CEARENSE: O ESPETÁCULO POLÍTICO PELA LIBERTAÇÃO DA PROVÍNCIA (1883-1888)

André Victor Da Silva Oliveira¹

Edson Holanda Lima Barboza²

RESUMO

Cheio de significados, o movimento abolicionista cearense emergiu, na segunda metade do século XIX, à mercê de projetos emancipacionistas que ousaram instaurar o progresso na província, a partir de abolições pensadas deliberadamente na promoção das sociedades libertadoras e no prestígio político alcançados mediante a causa do fim oficial da escravidão. A abolição do Ceará se converteu em um cenário de transformações emergentes, oriundas de novas alternativas ideológicas, inovações tecnológicas e desenvolvimento da imprensa, aos moldes da belle époque, encorpadas por uma elite letrada, que usufruía dessas mudanças para a construção de uma sociedade “civilizada”. Por estes fatores, o presente estudo se orientou pelos seguintes objetivos: investigar o processo abolicionista do Ceará a partir do discurso da imprensa oitocentista; entender os trâmites políticos, sociais e econômicos, que permeavam a realidade cearense, para a efetivação da liberdade dos escravizados; analisar o uso da imprensa como legitimadora da abolição e para a autopromoção dos abolicionistas; e compreender a importância do discurso impresso para a construção do imaginário sobre a abolição no Ceará. Assim, usou-se um arcabouço metodológico sustentado pela pesquisa qualitativa e documental, a partir de uma análise crítica do processo abolicionista, tendo como base jornais do século XIX, produzidos no Ceará, no qual dialogamos com os periódicos Constituição (órgão conservador), Gazeta do Norte (órgão liberal) e o Libertador (órgão abolicionista). Contudo, algumas contradições sobre o processo emancipatório cearense se converteram como uma das principais críticas que envolvem o programa abolicionista do Ceará e todo o enredo de espetáculo inserido nele. Na medida em que se percebeu um notável esquecimento da imprensa ou mesmo de ações concretas após o marco da abolição que firmaram a narrativa do território cearense como a primeira província livre do Império.

Palavras-chave: Abolição; Ceará; Imprensa; Movimento Abolicionista.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Instituto de Humanidades, Discente,
andrevictorsilva5@gmail.com¹

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Instituto de Humanidades, Docente,
edsonholanda@unilab.edu.br²

INTRODUÇÃO

As constantes tentativas de promover o progresso por parte da elite política e intelectual cearense consagrou a segunda metade do século XIX como um período marcado pela modernização de diversos setores, entre eles o econômico, o social e o arquitetônico em detrimento de acordos comerciais que alavancaram a economia local (CORDEIRO, 2000). Por esta razão, Fortaleza acabou se tornando um dos maiores centros populacionais e também tecnológicos da província (PONTE, 2000). Fatores que acarretaram em interesses políticos, alavancados com o surgimento da imprensa, sendo esta, em sua grande maioria, uma extensão do fluxo de ideias partidárias. Por esse viés, os jornais acabaram moldando a dinâmica da capital, bem como os centros de algumas cidades do interior, na medida em que se tornaram fontes de informação e conhecimento sobre a “realidade” a partir da ótica dos redatores (FERNANDES, 2004). São nessas circunstâncias que a abolição acabou se tornando pauta principal nas folhas impressas, a partir da década de 1880 no Ceará, com a criação das sociedades libertadoras e das alforrias financiadas pelas mesmas, gerando grande comoção e aclamação nos eventos construídos para a exibição das libertações nas vilas da província (MARTINS, 2012).

Os interesses com a abolição foram refletidos nas páginas da imprensa, que acabaram usufruindo desse evento tardio - em relação a outros países da América - como uma conquista exclusivamente da classe abolicionista cearense, que acabou dando menos ênfase para outros fatores mais eficazes como a resistência e as estratégias de escravizados na sua luta pela liberdade (SOBRINHO, 2005). Foi nesse sentido que a elite local, com o seu poderio social e aparato da imprensa, investiu na propaganda da abolição e buscou mobilizar a população, ou parte dela, criando a ilusão de um evento para “todos”, mas que na verdade, a festa da abolição acabou utilizando-se da multidão no intuito de construir um imaginário social de endeusamento dos abolicionistas sobre a “conquista” da libertação do cativeiro cearense.

Em face a isto, o espetáculo da abolição significou a confirmação do êxito da campanha abolicionista pelo Ceará. Foi a culminância de um projeto “civilizador”, onde não havia mais espaço para a presença do elemento servil. Foi nesse sentido, que o Festival Abolicionista surgiu não somente como um evento local aos arredores dos pontos turísticos de Fortaleza, a sua celebração foi planejada e reverberada no restante do país e até mesmo com repercussões internacionais (ALONSO, 2015). Por essa questão, carimbou-se o registro dos abolicionistas cearenses como referências de progresso social e pelo compromisso pioneiro na extinção da escravidão do Ceará.

Entre flores, votos e balas, o movimento abolicionista brasileiro de acordo com Angela Alonso (2015), entre 1878 a 1885, no ciclo de mobilizações pela abolição, teve por fulcro o proselitismo. Ou seja, as manifestações usaram o espaço público para persuadir a opinião pública e angariar novos adeptos. Nesse sentido, a autora nos diz que seus intuitos ordeiros se materializaram num símbolo: as flores. A partir dessa percepção, podemos referenciar os eventos ocorridos com a abolição cearense - que saiu de um contexto elitista, do teatro ou da academia - aderindo espaços populares como feiras, quermesses, alvoradas e serenatas, bem como suas alegorias sendo expostas em desfiles, cortejos, paradas, procissões cívicas e os meetings, à inglesa, com aglomerações a céu aberto (ALONSO, 2015).

Com a apropriação do movimento no espaço urbano, os abolicionistas criaram e usufruíram de símbolos e

signos como forma de identificar a adesão da sua campanha. Por essa estratégia, foram criadas bandeiras, ilustrações e ornamentações durante as libertações nos territórios (ALONSO, 2015). Outro ponto interessante a se destacar, foi o uso da propaganda a partir do recurso visual e simbologias abolicionistas em produtos diversos divulgados na imprensa, para a sua apropriação em datas especiais, como bem destacamos nos anúncios destinados ao alto escalão de Fortaleza, nas vésperas do 25 de março no Ceará. Dessa forma, com estilos variados de ativismos, entre eventos fechados e abertos, as abolições em massa, durante as cruzadas pelo interior do Ceará, permitiram ao movimento ganhar escala e uma homogeneidade mínima para se consolidar como movimento popular, vigoroso e impossível de ignorar (ALONSO, 2015).

É através de questionamentos iniciais de caráter gerador, que foram traçados os seguintes objetivos: investigar o processo abolicionista do Ceará a partir do discurso da imprensa oitocentista. De forma secundária: i) entender os trâmites políticos, sociais e econômicos, que permeavam a realidade cearense, para a efetivação da liberdade dos escravizados; ii) analisar o uso da imprensa como legitimadora da abolição e para a autopromoção dos abolicionistas; e iii) compreender a importância do discurso impresso para a construção do imaginário sobre a abolição no Ceará. Ou seja, a pesquisa buscou adentrar no contexto histórico exposto, visando trazer novas interpretações que problematizam o enredo disseminado, que retrata a abolição como ato heroico e humanitário.

METODOLOGIA

Na tentativa de entender as construções de tais narrativas históricas, ver-se a necessidade traçar caminhos em busca de resultados para pesquisa, por isso recorreu-se a uma metodologia de abordagem qualitativa (MINAYO, 2001) e outros processos creditados como auxiliares para uma prática mais efetiva de análise e compreensão dos fatos, de acordo com o material disponível para averiguação: i) Com o uso da análise documental, percebeu-se a necessidade de compreender os fatos para além do que estava posto no documento. Mas ao mesmo tempo, percebe-se a sua importância, pois o material histórico nos permite acrescentar a dimensão de temporalidade à compreensão social, política e cultural de uma realidade diferente da nossa (CELLARD, 2008). ii) Para um entendimento mais específico dos fatos correntes do período em estudo, percebe-se a necessidade de abordar uma perspectiva de análise pautados na micro-história, a partir dos incentivos de Carlo Ginzburg (1989). Com o propósito de utilizar métodos particulares, que reduz a escala de observação e dos objetos da pesquisa. iii) Nesse viés, a pesquisa também utilizou uma perspectiva de análise trazida por E.P. Thompson (1987) a partir de uma história vista de baixo, pois, na sua concepção, a história deve ser contada, não somente levando em consideração os “grandes fatos” e seus heróis, mas, sobretudo pela observação dos fatos ocorridos com pessoas que fazem parte da massa esquecida. iv) Tendo os jornais do século XIX como uma das principais ferramentas analíticas sobre o propósito da pesquisa, salienta-se a necessidade de abarcar um aprofundamento maior em torno dos discursos, a partir do uso de técnicas da Análise Textual Discursiva (MORAES; GALIAZZI, 2006), que segue formas analíticas dos discursos que permitem a 1) Desconstrução e unitarização; 2) Estabelecimento de relações, o processo de categorização; e a 3) Construção de um metatexto para a descrição, interpretação, compreensão e teorização dos relatos documentais. Nesse sentido, buscamos alcançar uma compreensão das categorias em análise, ampliando e construindo outras perspectivas de compreensão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao passo em que se percebeu o abolicionismo cearense como um movimento “imaculado”, - constatação mediante análise da imprensa - perceptível nas folhas Constituição, Gazeta do Norte e Libertador diante da pouca contestação, sejam elas tímidas ou mais radicais, contra os abolicionistas e suas ações pelo território cearense. A historiografia apresenta algumas folhas e agentes políticos divergentes ao processo abolicionista, mas que se fundamentavam em debates partidários, que acabavam não tendo tanta força, devido à adesão pública com a proposta de desenvolvimento social com o trabalho livre. Dessa forma, o abolicionismo ganhou notoriedade política e também popular, tornando-se um projeto de boa aceitação perante as pessoas, conquistando ainda mais apoiadores e simpatizantes.

À vista disso, a consolidação da abolição no Ceará resultou em um espetáculo construído onde o fim não era nada, mas o desenvolvimento era tudo. Parafraseando Guy Debord (2003) quando o mesmo diz, que “o espetáculo não quer chegar à outra coisa senão a si mesmo” (p. 18). Situação que nos faz repensar e buscar um estudo mais aprofundado sobre o pós-abolição e quais os desdobramentos sociais ocorridos com o “fim do escravismo” no Ceará. Aspecto que traz à tona vários questionamentos e nos leva a refletir sobre os caminhos percorridos pelos ex-escravizados, após término das festas simbólicas e enredos patrióticos descritos pela imprensa cearense, como podemos constatar nesta dissertação. E é, nesta última, a imprensa que averigua uma mudança instantânea de contestação - ou quem sabe, menos incisiva - após o 25 de março diante de alguns processos abolicionistas que não se efetivaram em algumas vilas do Ceará.

Contudo, apura-se em alguns periódicos - mesmo que de forma reduzida - um dos principais atos que contradizem o período emancipatório no Ceará: o caso da cidade de Milagres. Essa ocasião se tornou uma das mais importantes ocorrências contraditórias ao período abolicionista, situação que pode ser observada em periódicos como o Gazeta do Norte (1886, p. 1), que trouxe relatos sobre a manutenção da escravidão, em 1886, dois anos após a aclamada abolição provincial de 1884, contabilizando cerca de 200 escravizados em cativeiro. Estes, por sua vez, mantidos por lideranças locais e fazendeiros, por meio de acordos com o juiz local, a fim de manterem as posses do trabalho forçado sem o pagamento de impostos e a permissão da província. Situação também exposta pelo Libertador (1886, p.2) e com notícia similar reportada pelo Constituição (1888, p. 3), ambas registrando proprietários que se negaram a libertar seus escravizados na região do cariri cearense.

Estas e outras contradições sobre o processo emancipatório cearense se converteram como uma das principais críticas que envolvem o programa abolicionista do Ceará e todo o enredo de espetáculo inserido nele, na medida em que se percebe um notável esquecimento da imprensa ou mesmo de ações concretas que firmaram a narrativa que comprova o território cearense como a primeira província livre do Império. Então, por meio disso, nota-se uma drástica diminuição sobre a pauta da abolição e os efeitos desta a população cativa ou para a população em geral. Esse efeito foi sentido, ao passo em que mudanças significativas ocorreram nas redações dos jornais após a data da abolição, a exemplo, temos o próprio Libertador, que em cinco meses, após o Festival Abolicionista, passou por mudanças editoriais importantes com a saída da Sociedade Cearense Libertadora da diretoria geral da gazeta, em 07 de agosto do mesmo ano. Situação averiguada no texto explicativo da folha sobre a mudança de direção para a Empresa Typografica (LIBERTADOR, 1884, p.1). Ou seja, era como se a escravidão estivesse cem por cento cessada e nada mais

precisaria ser contestado ou feito.

CONCLUSÕES

Por essas circunstâncias, como muito bem ressalta José Hilário Ferreira Sobrinho (2005), a abolição no Ceará teve dois significados: “para os brancos, menos humanitária, no sentido da integração da população negra, ex-escrava, no mundo do trabalho livre e na sociedade na condição de cidadão” (p. 156); e para os ex-escravizados, com o significado de “ampliação sem limites dos espaços sociais (pelo menos nos primeiros anos)” (p. 156-157). Em outras palavras, o intelectual ressalta que, no imaginário dos ex-cativos, o acontecimento veio a representar o fim das fronteiras que separavam nos espaços públicos, brancos e negros. Mas que, na verdade, esta ocupação dos negros no mundo dos brancos provocou uma reação imediata, ao passo em que “ser livre não significava ser aceito na sociedade” (p. 157). Pauta que possivelmente não esteve entre as principais do movimento abolicionista cearense.

AGRADECIMENTOS

Um agradecimento especial à Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP), pelo financiamento da pesquisa; à Universidade Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (Unilab), pela formação acadêmica nos níveis de graduação e pós-graduação; e ao Mestrado Interdisciplinar em Humanidades (MIH), pelo suporte intelectual e técnico com a pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ALONSO, Angela. Flores, votos e balas: O movimento abolicionista brasileiro (1868-1888). 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, J. et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 295-317.
- CORDEIRO, Celeste. O Ceará na segunda metade do século XIX. In: SOUZA, Simone (Orgs.). Uma nova história do Ceará. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000. p. 135-161.
- DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. eBooksBrasil.com, 2003.
- FERNANDES, Ana Carla Sabino. A imprensa em pauta: entre as contendas e paixões partidárias dos jornais Cearense, Pedro II e Constituição na segunda metade do século XIX. 2004. 206f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de pós-graduação em História. Fortaleza, 2004.
- GINZBURG, Carlo. Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história. Tradução: Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- MARTINS, Paulo Henrique de Souza. Escravidão, abolição e pós-abolição no Ceará: sobre histórias, memórias e narrativas dos últimos escravos e seus descendentes no sertão cearense. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2012.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. Análise Textual Discursiva: processo reconstitutivo de múltiplas faces. Ciência & Educação, v. 12, n. 1, 2006. p.117-128.

PONTE, Sebastião Rogério. A Belle Époque em Fortaleza: remodelação e controle. In: SOUZA, Simone (Orgs.). Uma nova história do Ceará. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000. p. 162-191.

SOBRINHO, José Hilário Ferreira. "Catirina minha nega, Teu sinhô ta te querendo vende, Pero Rio de Janeiro, Pero nunca mais ti vê, Amaru Mambir": O Ceará no tráfico interprovincial (1850-1881). Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História/UFC. Fortaleza, 2005.

THOMPSON, E. P. A formação da classe operária inglesa. vol. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.